

Caminhos de partida (à chegada) e/ou caminhos de chegada (à partida)?

Joel de Almeida

No final do século XIX, com os efeitos da Revolução Industrial, o progresso das artes técnicas, da ciência e tecnologia, da construção de estradas, da evolução dos transportes terrestres e marítimos, das carreiras dos barcos a vapor aos caminhos de ferro e dos automóveis... os correios desenvolveram as comunicações, criaram novos serviços, acompanharam o progresso – consolidaram o serviço postal.

A partir de 1880, decorrente da fusão das comunicações postais com as comunicações telegráficas e telefónicas, começa uma nova fase dos correios e telecomunicações, o sucesso da utilização e internacionalização da telegrafia elétrica: a inauguração, em Lisboa, da primeira rede pública de telefone concessionada à Edison Gower Bell Telephone Company of Europe Ltd.; a concessão da rede telefónica para uma companhia anglo-portuguesa de telecomunicações (The Anglo Portuguese Telephone Company – APT); o prosseguimento da extensão da rede de cabos submarinos, com os nós de amarração aos arquipélagos da Madeira e Açores e às colónias da África Ocidental – a nossa conectividade internacional e o nosso posicionamento geoestratégico são precursores fundamentais para o nosso importante papel nas redes mundiais de telecomunicações (redes de cabos submarinos futuras) que muito contribuíram para o princípio da grande modernização dos sistemas de comunicações em Portugal.

Modernizam-se e expandem-se as redes de comunicações postais e telecomunicações «na sequência das reformas empreendidas pelo novo regime republicano, os serviços de correios, telégrafos e fiscalização das indústrias elétricas passam a ter autonomia administrativa e financeira sendo constituída (em 1911) a Administração Geral dos CTT...». ¹

É neste período, dos finais do século XIX, princípios do século XX, que começa uma nova era das comunicações em Portugal: da «galáctica de Marconi» (... ..) à era digital...

A 5 de outubro de 1910 proclama-se a República em Lisboa. Implanta-se em Portugal e consolida-se...

«Estamos sobre um vulcão!/A audácia dos republicanos todos os dias aumenta:/Lisboa é nossa! – Exclama Chagas. – Se os republicanos fizessem um comício no alto da avenida e viessem por ali abaixo, a república estava feita! – afirma o Silva Graça. E o Porto e a Província? Perguntou ao Chagas. – Que me

1. In: «Cronologia dos principais eventos relativos à História dos Correios e Telecomunicações».

importa a Província! Que me importa mesmo o Porto! – A República fazemo-la depois pelo telégrafo.» **2**

«O registo memorial do grande republicano Raul Brandão, anterior ao 5 de Outubro, não poderia ser mais assertivo. Com a queda da Monarquia e o triunfo da República em Lisboa, o resto da metrópole e as colónias viram-se dependentes da telegrafia para proclamar o novo regime e estabelecer a nova ordem.

Desta forma, o desenvolvimento dos meios de comunicação deu à República oportunidades nunca antes alcançadas, assim como o novo regime de 1910 criou as bases do progresso da ciência e da tecnologia.» **3**

«Comunicar na República – 100 Anos de Inovação e Tecnologia»

Da génese do projeto à sua filosofia concetual e sua concretização, um trabalho em equipa

Pretende-se, com este contributo do projeto/exposição, estabelecer pontes entre o passado e o presente-futuro; dar a conhecer as etapas principais da (r) evolução das comunicações postais e das telecomunicações no decorrer dos cem anos da República; coadjuvar para melhor compreender a sua importância no (des)envolvimento da sociedade, na (in)formação geral das populações: «na política, na educação, nos cenários de guerra, e, claro, na propagação de ideários», com recurso às infotecnologias e às técnicas de comunicar – contribuirmos para o partir à descoberta dos possíveis caminhos rumo à sustentabilidade cultural da sociedade do usufruto.

Caminhos de partida à chegada...

De uma experiência individual e coletiva, de um (re) conhecimento do património das comunicações, de uma metodologia de investigação e ação participativa, duas instituições, um conceito de meta-exposição interpretativa. O refletir, questionando sobre como contribuir para (trans)passar as paredes do museu. Como partir à sua (re)descoberta, articulando e inter-relacionando conhecimentos (da literatura, arte, ciência, tecnologia, humanidades...) e experiências de

2. Raul Brandão, *Memórias*, vol. I, julho de 1910, p. 274.

3. In: Folha de Sala da Exposição «Comunicar na República – 100 Anos de Inovação e Tecnologia» – Museu das Comunicações, Lisboa.

complementaridade educativa: aprendizagens formais, não formais, informais.

Que museografia interativa, interventiva e de extensão cultural – escola/museu/público?

Uma equipa com saberes acumulados (individuais ao serviço do coletivo) mas não acomodados, complementares e partilhados pelo interagir cooperativo e colaborativo, que se propôs envolver para desenvolver com o seu empenho e desempenho experienciado, o projeto/exposição «Comunicar na República».

Uma abordagem de trabalho investigativo em pedagogia de projeto.

De um questionamento e reflexão sobre o ato de comunicar e a República, de um alerta para a importância do património, do tornar comum para o bem das coisas e da causa pública.

Caminhos de chegada à partida...

Que contributos, de todos e de cada um, para a qualidade comunicativa?

Uma equipa que refletiu e se questionou sobre as problemáticas do como aperfeiçoar o comunicar na República, visando práticas de referência conducentes à melhoria da comunicabilidade, educabilidade e usabilidade (trans)formativas das comunicações.

Porque é impossível deixar de comunicar, mesmo quando o não desejamos – comunicar é existir, e, sempre que comunicamos com alguém, vivemos. Se vivenciamos, (com) participamos, (com) partilhámos... Convivemos. Estamos. Damo-nos aos outros. Expomo-nos...

Somos. Transformamos a nossa «intencionalidade comunicativa» em «realidade comunicante».

Caminhos comunicantes...

As «elipses temporais» – os eventos cronológicos para melhor percepcionarmos o prosperar do «Comunicar na República»; os marcos histórico-ideológicos; os envolvimento da literatura e da arte; os desenvolvimentos técnicos e tecnológicos das comunicações postais e telecomunicações; os preliminares das várias encruzilhadas evolutivas; o (re)construir dos alicerces fundamentais, das plataformas estruturais científico-tecnológicas, precursoras do comunicar/telecomunicar de hoje – contributos para o imaginário coletivo das possíveis ambiências comunicacionais da República portuguesa.



Exposição «Comunicar na República – 100 Anos de Inovação e Tecnologia».